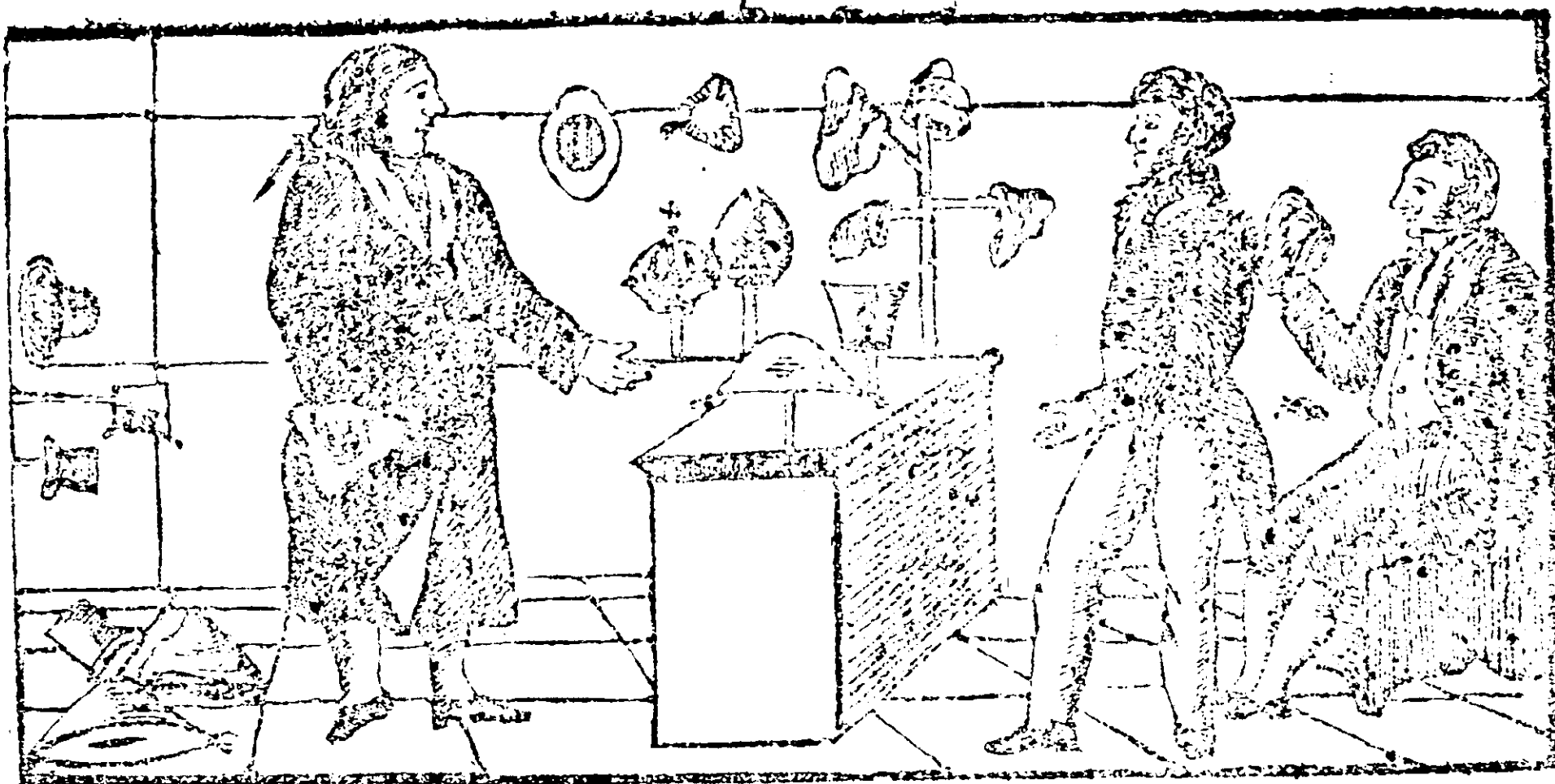


O
CARAPUCEIRO

01 DE NOVEMBRO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO'PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta botia as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas

Continuação do Artigo Impios praticos e de curiosidade.

Não ignoro as boas ausencias, que de mim fazem certos franchinotes mettidos a rabequistas de Filozofos, impios praticos, e de curiosidade, que não tem annos, nem principios, nem estudos para poderem ter voto consciencioso em materia tão espinhosa, e delicada, como he a Religião. Quem me honra com o epitheto mui ordinario de falto de caracter; por que advogando sempre a causa da liberdade dos Povos, hoje propugno calorosamente em favor do Catholicismo; por que cá os nossos frangotes do Filozofismo estão bem encaquetados (que miseria!) que a liberdade politica anda a par e passo da irreligião, do materialismo, e Atheismo, como se he possivel conceber-se hum Povo sem Religião positiva; e se já se vio Povo composto de Atheus, que a existir, seria huma legião de demônios encarnados. Quem se compadece da minha ignorancia, chamando-me fanatico, que he palavra tabaleoa da sucia; e já houve quem affirmasse, que era muito falto de

Gosto; pois no luminoso pensar desses sabios feitos do pé para a mão o Gosto he inseparavel do Filozofismo, para ter o Gosto (o Gosto delles) he mister ser Materialista, ou Materialão, Athen, &c.; e consequentemente Bossuet não tinha Gosto, o immortal Auctor do Telemaco era hum piegas, Molieri hum carrança, Chateaubriand hum basbaque, o Conde de Maistre hum Sebastianista, Lamartine hum rabujento, &c. &c.! E quaes serão os livros, e escriptos de Gosto? As Novellas em primeiro lugar; por que está assentado, que para cegar o entendimento, e desplantar delles os principios da Fè, releva corromper previamente o coração; por que o homem de costumes estragados tem mais de meio caminho andado para ser incredulo." Eu quizera (diz o profundo La Bruyre, que tambem era hum caturra falto de Gosto) ver hum homem sobrio, moderado, casto, e justo pronunciar, que não há Deos: ao menos fallaria desinteressado; mas tal homem não se encontra." Depois das taes Novellas (que são por via de regra boas lições de Mo-

ral) só há Gosto no Compadre Matheus, no Faublas, no Templo de Jataba, no Bom Senso, na Moral Universal, &c. &c., e principalmente nas facecias de Voltaire, e de Pigault Le Brun contra a Religião de J. C.

Esses nossos palhaços do Filosofismo, atrevidos na sua incredulidade, e desprezadores dos Mystérios da Religião; por que dizem, que estes não estão de accordo com a sua razão elevada, nem a par das luzes do seculo, como se pode haver Religião sem mysterios, e mysterios, que não sejam superiores à razão, como se não vivéssemos rodeados de mysterios; todavia percebendo, que encorrerão na execração publica, se menospresassem a Moral derretem-se em louvores á Moral: mas que Moral? Huma Moral sem alicerce, huma Moral versatil, huma Moral arbitraria, huma moral fundada no temperamento, e paixões individuaes.

Tal he pouco mais ou menos a doutrina do furioso Materialista Boulanger no seu *Christianismo descoberto*: tal he o principio, que mais voga entre os nossos impios de curiosidade, e materialistas de orelha. *Nada de Religião: mas pregue-se, e respeite-se a Moral: mas que Moral será esta?* O citado Boulanger o declara, dizendo. "Deve se publicar hum Codigo de nova Moral conforme a os dictames da Natureza, cujos canones filosoficos sejam; que todo o excesso faz mal á conservação do homem: que por isso faz-se elle desprezível aos olhos da Sociedade, a qual tem direito sobre a sua vida; aborrecido da razão, que lhe manda subsistir; odioso à Natureza, que quer, que anhele a felicidade permanente. Que d'aqui se conclue ser do interesse do homem conservar a sua saude, respeitar os bons costumes, e ganhar a estima dos seus semelhantes, ser sobrio, casto, e virtuoso: finalmente toda a Moral cifra-se nesta maxima — *Todo o excesso faz mal á conservação do homem.*"

Se tal he a doutrina da nova Moral, meda, por huma rigorosa Dialectica tiremos-lhe os corollarios, e vejamos o que sae. Logo posso eu satisfazer os meus appetites de todo o genero, damnificando a quem quer que for, com tanto que evite todo o excesso prejudicial a minha conservação. Logo com isto tenho ganhado terreno; e se for dotado d'huma constituição forte, e saude robusta, não tenho que temer o chegar na desordem a excessos, que damnifiquem; e de mais tem-se visto pessoas estragadas, e menos robustas, do que eu, viverem largos annos. Além d'isto accaso será certo, que a razão deixada a si mesma, e prescindindo da dependencia devida ao Ente Supremo, e da noção de huma vida futura, me mande, que me conserve? Confesso, que não escuto tal linguagem da razão. E do que me serve a mim huma vida comprida, se devo tornala enfadonha com privações continuas dos meus appetites, e des-jos? Contento-me, q' seja breve, com tanto q' passe felizmente, e em delicias. Entre dous generos de bens deve ser-me licito preferir aquelle, que se me representa mais util. A Natureza quer, que eu trabalhe anciosamente para alcançar huma felicidade duradora. Percebo isto muito bem: mas em huma vida tão breve haverá outra felicidade, que tenha duração, mais, do que a continuação dos prazeres? E não he loucura travar luta com elles para os reprimir só com o intento de mais algum instante de duração? A inclinação, que sinto em mim, he a voz por onde me falla a mesma natureza. Devo respeitar os bons costumes. Pois que! Devo accaso tomar para regra da minha vida os pareceres, e procedimento dos outros? E com que fundamento? Elles, seguindo as suas inclinações, são dirigidos pela natureza, eu, seguindo as minhas, serei igualmente, como elles, digno de louvor. E sem que necessidade devo eu fazer-me escravo de huma lei estranha, ao mesmo

tempo, que cá em mim a tenho, a qual me leva seguramente ao meu fim? Não requireiro, que se faça caso dos meus costumes; e também não pretendo embaraçar-me com os dos outros. Deve procurar a estima dos meus semelhantes: embora; mas passo eu por melhor modo a elle, do que obedecendo á lei, autorizada da Natureza, deixando a os outros a liberdade de se conformarem com elle igualmente? Se por acca-o elles não quizerem, deverei eu inquietar-me por amor disso? Pouco me importa a que os outros julgão, huma vez que eu esteja satisfeito de mim mesmo. *Prazeres, e liberdade são toda a Moral, que dos vossos principios se deduz.*”

Taes são as consequencias necessarias dessa Moral de tarraxa, fundada no mui vago termo *Natureza*; tal he a bella Moral dos impios, e materialistas. Não querem Religião; por que esta, seja ella qual for, assenta em principios geraes, como seião: a existencia de hum Deos, a immortalidade d'alma, e as penas, e recompensas d'outra vida. Ora estas ideias muito desgadão aos Filósofos; por que abolida a crença destes pontos cardaes, o que he, que fica? O imperio das paixões, o dominio da volúptaria. A Moral em ultima analyse virá a ser a bel prazer de cada hum; o justo, e injusto mera convenção dos homens; a consciencia hum sonho de cabeças enfermas, o Direito Natural huma patranha, &c. &c. O homem nasceo só para gozar: fóra desta vida não há outra: chegado o momento da morte, tudo acaba no homem, o qual por isso deve de fructuar este mundo o melhor, que poder, preferindo o seu commodo, o seu interesse, o seu prazer a tudo; e por isso não se deve estudar outra cousa, se não promover o Industrialismo em todas as seus rames; finalmente o grande principio dos nossos illustres filósofos he ” *Comedamus, et bibamus; cras enim moriemur*” Toma a comer, a beber, &c.; por que

chegada a morte, acabou-se tudo;

Mas os nossos pathagos do Filofofismo recorrem a hum argumento mui sólido, que julgão victorioso, e incontrouerso; e vem a ser; que entre os Religiosarios, entre os mesmos crentes muitos cometem peccados, e crimes de toda a laia, d'onde mui ufanos concluem, que a Religião não serve para reprimir as más accões, e sustentar a Moral. Primeiramente ponderarei a esses Doctores, que a Religião não obra por força de necessidade, nem tolhe o livre arbitrio: em segundo lugar advirão, que aquelle, cuja crença for sincera, e bem entranhada, raramente se atascará no imundo lodagal dos vicios; pois que o nosso proceder provém quasi sempre do nosso modo de pensar. Além disto o crente pecca sim; por que he homem, e por conseguinte fragil; mas tem em si mesmo, e ajudado dos auxilios da Divina Graça os meios para a recipiencia. D'aqui a propria consciencia o remorde, e inquieta; d'ali hum successo inexperado, e horrivel, hum contra tempo, huma enfermidade grave bem podem excitalo á conversão; d'acolà a frequencia dos actos Religiosos, a Confissão Sacramental, a sumptuosidade, e respeito magestoso do Culto, a Pregação do Evangelho, a sublimidade, e unção do Rito na celebração dos Mystérios bem podem fallar-lhe ao coração, e tornalo ao caminho da virtude, do que há todos os dias inumeraveis exemplos: mas o incredulo, o impio, o materialista, o Atheu, o homem em fim, que se persuade, que não tem alma, que sobreviva à materia, que não cre na existencia d'outra vida, nem nas estreitas contas, que deve de dar ao seu Creador, não tem motivo algum poderoso para a conversão: não admite por peccado, se não aquellas accões, que lhe podem causar dor, e encommo, e ainda assim a responsabilidade he para consigo mesmo; pois só elle decide do merito, ou demerito das suas accões occultas. Poderá

MUTILADO

o incredulo, quando muito, attender á sua honra, e boa reputação; e por isso abster-se de saltar pelas estradas, de assassinar publicamente, de tomar de publico a mulher alheia, &c. &c.; por que teme o castigo das leis, e a indignação da Sociedade: mas se elle puder ficar-se com os bens de outrem cavilosamente sem que se saiba; se poder assassinar, ou mandar assassinar o seu inimigo com toda a probabilidade do segredo, se poder gozar ás escondidas da mulher do seu maior amigo, se poder corromper a donzella, dehonestar a viuva, sem que se lhe possa provar o crime, sem que o Publico venha a saber das suas torpezas; que motivo poderoso será capaz de o reprimir? Será inquietado pelo pensamento de hum Deos presente a tudo, que escruta os coraçãoes, e penetra até a os rins? Elle não crê na existencia de Deos. Saltar-lhe-á a terrivel ideia da Eternidade, onde deverá ser rigorosamente punido até dos maus pensamentos? Para elle a Eternidade, a vida futura, &c. &c. são inventos de Padres fanaticos. Logo proseguirá imperterrito, e com toda a alacridade na satisfação dos seus appetites; nem imaginará, que comette peccados; por que em todas essas acções encontra prazer, e prazer, que o não damifica; pois não he com excesso, e he tudo feito com tanta cautella, e sigillo, que o Publico ignora, e consequentemente o não despreza. Pensando assim o impio de conformidade com as suas doutrinas; d'onde lhe virá o arrependimento, d'onde os estímulos para se converter? Finalmente todos peccão; mas com esta mui attendivel differença, que o Christão pecca por fragilidade, conhecendo o seu erro; e se cõe aqui, levanta se acolá: mas o impio não crê, que haja outro peccado, se não o que lhe prejudica o fisico, e continua com precauções na satisfação dos seus appetites, zombando dos remorsos do erente. Concluirei este Artigo com a sabia reflexão

do profundissimo Bacon de Verulamio. *Pouca Filosofia dispõe para o Ahetismo: muita Filosofia torna a trazer o homem para a Religião.*

VARIEDADE.

Os Medicos antropophagos.

O facto seguinte, cuja exactidão affirmamos, passou-se na Ilha Mauricia em dias de Fevereiro prox. p. O Dr. M. . . , 1.º Medico do Hospital da *Grande-Reviere* havia convidado á sua casa todos os Medicos da ilha para lhes communicar huma observação feita sobre hum enfermo. Reunidos estes, o seu primeiro cuidado foi dar-lhes d'almoçar abundantemente. Depois o Dr. incetando o assumpto da reunião, annunciou a seus convidados, que elle havia recentemente tractado hum enfermo, que morrera, e por isso não precisára mais dos seus cuidados; mas q' a autopsia lhe fizera ver, que o figado deste enfermo era de hum volume extraordinario, e merecia huma menção especial nos *Anuaes de Medicina*. Chamando o seu domestico, lhe ordenou, trouxesse o figado, que estava guardado na *cava*. A estas palavras o pobre preto ficou tão palido, quanto permitia a sua cor e respondeo balbuciando, que o figado já se não achava na *cava*. O Doutor muito espantado perguntou o que fôra feito d'elle; mas o ar de anciedade de todos os convidados, que então se lembráram de que o almoço havia começado por hum prato de figado assado, indicava bem os temores, de que se possuirão, e que logo se justificáram. Com effeito o desgraçado coziheiro, vendo chegar mais convidados, do que esperava, quiz fazer hum prato suplementar; e como não tinha sido prevenido por seu senhor, acreditou, que preparava hum magnifico figado de vitella. Figura-se facilmente o effeito, que esta fatal declaração produziu em os novos antropophagos, e não houve bastante chá para afogar todos os bocados de tão singular comida. De certo até hoje todos tem concedido aos Medicos o direito de matar seus enfermos, mas o de comelos vai muito além de toda a permissão.

(*Do Estafette.*)

Pern: na Typ. de M. F. de Farias. 1837.

MUTILADO